

João Clark de A. Sodré

Arquiteto e urbanista, mestre e doutorando pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu (USJT), Rua General Jardim, 645 cj. 52 São Paulo, SP, CEP 01223-011, (11) 98292-0249, joocas@gmail.com

Resumo

Ao mapear o campo de atuação de Luís Saia para além de seus trabalhos junto de preservação e restauração do patrimônio histórico em São Paulo, o artigo procurou situá-lo dentro do quadro mais amplo de sua geração. A partir deste entendimento, foi possível discorrer sobre sua contribuição na formação dos novos arquitetos a partir dos anos 50, com a criação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), reconhecendo o dispositivo da viagem como uma experiência formativa fundamental, tanto para a nova quanto para sua geração.

Palavras-chave: Luís Saia, FAU-USP, viagem de formação.

A prática do engenheiro-arquiteto Luís Saia (1911-1975) no campo do patrimônio histórico e dos trabalhos ligados à preservação e restauração arquitetônica no Estado de São Paulo a partir de 1937 é bastante conhecida e tem sido revisada por diversos pesquisadores nos últimos anos.¹ Porém, é de se destacar que, a despeito de sua militância nas questões preservacionistas ao longo de quase quarenta anos, Saia também se dedicou a uma série de atividades, algumas diretamente vinculadas ao seu engajamento principal, como a pesquisa histórica e folclórica, e outras, porém, diretamente comprometidas com o campo de intervenção do arquiteto, da crítica ao projeto de arquitetura, ao urbanismo e ao planejamento urbano e regional. Deixadas na sombra de sua influente carreira junto ao patrimônio histórico, estas atividades ainda não mereceram a devida atenção daqueles estudiosos de sua obra.²

identidade profissional de um arquiteto moderno em São Paulo em meados do século XX, em um momento no qual, ultrapassando os limites da formação politécnica, a arquitetura encontrava nos problemas culturais e sociais contemporâneos um espaço importante de legitimação de seu domínio de competência.

Ainda que a faceta mais conhecida de sua produção seja a dos escritos sobre a arquitetura colonial paulista, especificamente sua construção histórica da *casa bandeirista*³, Saia também desempenhou um papel muito importante na formação da nova geração de arquitetos a partir da década de 1950, num momento de aproximação e colaboração com os estudantes das primeiras turmas das faculdades autônomas de arquitetura recém-criadas na cidade, a do Instituto Mackenzie (1947) e a da Universidade de São Paulo (1948).⁴

¹ Cf. Antonio Luís Dias de Andrade, *Um estado completo que pode jamais ter existido*. São Paulo, FAU-USP, 1993 (tese de doutorado); Cristiane Sousa Gonçalves, *Metodologia pra a restauração arquitetônica: a experiência do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1937-1975*. São Paulo: FAU-USP, 2004 (dissertação de mestrado); Lia Mayumi, *Taipa, canela preta e concreto: um estudo sobre a restauração de casas bandeiristas em São Paulo*. São Paulo, FAU-USP, 2005 (tese de doutorado); Mariana de Souza Rolim, *Luís Saia e a ideia de patrimônio, 1932-1975*. São Paulo, FAU-Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006 (dissertação de mestrado);

² No caso de sua atuação em planejamento urbano e regional, ver: Amanda Cristina...continua próxima página...

Ao recuperar o feixe de alguns caminhos percorridos em sua trajetória, este texto pretende investigar, ainda que em linhas gerais, a constituição da

A intenção de mapear o campo de atuação profissional de Luís Saia para além do seu escopo patrimonial partiu do contato com outros textos

...continuação nota 2...

Franco. "Entre o racional e o pitoresco: o plano diretor de Luís Saia para Águas de Lindóia, 1956". Anais do V Seminário Nacional do Docomomo, São Carlos, 2003; Juliana Costa Mota, Planos diretores de Goiânia, década de 60: a inserção dos arquitetos Luís Saia e Jorge Wilhelm no campo do planejamento urbano. São Carlos, EESC-USP, 2004 (dissertação de mestrado). Com relação ao seu envolvimento no campo da crítica e do projeto de arquitetura, ver: Paulo Roberto Masseran, Diálogo atrevido entre a pedra e o tijolo, ou popular e nacional na arquitetura brasileira, por Luís Saia e Mário de Andrade. Assis, FCL-UNESP, 2011 (tese de doutorado).

³ Cf. João Clark de A. Sodré, "A casa bandeirista de Luís Saia no IV Centenário de São Paulo: restauração e preservação da identidade paulista", Anais do V Seminário Nacional do Docomomo, São Carlos, 2003.

⁴ Não é a toa que os estudos de Luís Saia tiveram uma repercussão imediata sobre dois de seus principais intérpretes, os arquitetos Carlos Lemos (1925) e Julio Katinsky (1932), formados respectivamente pela FAU-Mackenzie em 1950 e pela FAU-USP em 1957. O questionamento em relação às teses pioneiras de Saia parece ter seu ponto de inflexão em Aracy Amaral, A hispanidade em São Paulo: da casa rural à Capela de Santo Antonio. São Paulo, Nobel/Edusp, 1981.

⁵ São eles: "Brazil Builds", O Estado de S. Paulo, 17 de março de 1944, p.4; "A fase heróica da arquitetura contemporânea brasileira já foi esgotada há alguns anos", Folha da Manhã, 31 de março de 1954, p.6; "Mies van der Rohe", Habitat, n. 22, mai./jun. 1955, pp.1-8; "Editorial", AD Arquitetura e Decoração, n. 12, jul./ago. 1955, p.1; "Studio para o Clube dos Artistas e Amigos da Arte, AD Arquitetura e Decoração, n. 15, jan./fev. 1956, s/p; "Editorial", AD Arquitetura e Decoração, n. 16, mar./abr. 1956, p.1; "Mais um ano de luta", AD Arquitetura e Decoração, ...continua próxima página...

do arquiteto, também publicados em periódicos especializados e de cultura a partir dos anos 1940.⁵ Esse material, constituído em sua maioria de pequenas resenhas, crônicas, editoriais e entrevistas, apesar de disperso temporalmente, lido em seu conjunto revela uma complexidade na formação, interesses e repertórios do arquiteto.

A partir desta perspectiva múltipla de ação do arquiteto moderno, tão caro ao contexto cultural e profissional da arquitetura no Brasil entre as décadas de 1940 e 1960, é que podemos pensar a trajetória intelectual de Luís Saia, definindo seu lugar, seja individualmente, no quadro mais amplo de sua geração, seja coletivamente, na formação dos primeiros arquitetos formados nas faculdades autônomas, isto é, da geração posterior.

Esboço biográfico e identidade de geração

Nascido em São Carlos em 1911, Luís Saia ingressou na Escola Politécnica em 1931, onde iniciou o curso de engenheiro-arquiteto a partir do ano seguinte. Foi nesse mesmo ano, quando integrou o Batalhão da Engenharia das Forças Revolucionárias de São Paulo no levante paulista contra governo provisório de Getúlio Vargas, que começou sua atribulada vida estudantil. Ainda nos seus anos de formação, participou do Curso de Etnografia e Folclore da Prefeitura Municipal de São Paulo, ministrado por Dina Lévi-Strauss em 1936, tendo abandonado sua graduação inúmeras vezes em função das atividades realizadas simultaneamente no Departamento de Cultura e no Patrimônio, postergando, assim, sua formatura até 1948, mesmo ano da criação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. (FICHER, 2005, pp.337-340).

É a partir deste contexto de afirmação e especialização disciplinar, no qual as perspectivas para a carreira de um engenheiro-arquiteto eram bastante previsíveis e limitadas, que os arquitetos começaram a enveredar por outros caminhos, aprofundando as suas relações com as outras artes, inserindo-se no campo mais amplo da cultura, interessando-se por suas matrizes históricas e ideológicas. A própria relação desses profissionais com a militância política acabou sendo redefinida, destacando-se o comprometimento com a questão social e a adesão a partidos políticos de esquerda.⁶

Esta tomada de posição de Luís Saia fica muito evidente na entrevista publicada pelo O Estado de S. Paulo em dezembro de 1943, a partir do inquérito realizado por Mario Neme (1912-1973) intitulado "Plataforma de uma geração", e que reuniu um conjunto de 29 jovens escritores representantes da nova intelectualidade brasileira:⁷

"[...] O essencial é que a nossa geração já pôde encontrar muito trabalho realizado pela anterior no sentido de libertação dos preconceitos e dos cânones da civilização burguesa. [...] O que predomina porém [...] é que a atividade de ambas foi e está predominantemente absorvida pela solução dos problemas sociais. O que importa é que os homens da geração passada em pleno exercício de sua mocidade e força humana, se dedicaram a um trabalho de limpeza e libertação do pensamento e da inteligência brasileira deixando um trilho aberto para os que vinham. É verdade que eles mesmos nem sempre quiseram ou puderam seguir essa trilha, muitos fracassaram a meio do caminho e outros até se voltaram contra a linha verdadeira da vida se atrelando sem pejo aos varais do carro reacionário. O julgamento definitivo da vida pessoal de homens como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Gilberto Freyre, Tristão de Ataíde, só para citar os que mais evidência tiveram e os que mais calaram como exemplo e atitude na formação intelectual de nossa geração, será feito com vagar e aqueles que traíram a sua destinação histórica certamente serão condenados. [...]" (NEME, 1945, p.207)

O perfil polivalente de Saia, muito próximo do modelo de intelectual modernista que teve em Mário de Andrade seu maior expoente, pode estar ligado ao seu interesse em entender a contribuição possível do arquiteto no processo de modernização do país. Distanciando-se, por um lado, das esferas tradicionais das Belas Artes, da engenharia e das técnicas e ofícios, e ao mesmo tempo se aproximando da arte moderna, das vanguardas culturais e políticas, das ciências humanas (antropologia, etnografia e história), das questões sociais e urbanas, Saia parece representar um momento de transição fundamental na identidade profissional do arquiteto:

"A fase heróica foi mais um problema de estética e de tabu do que propriamente uma questão de atividade profissional. q[...] Tratava-se de romper um academismo solidamente instalado; incumbia

...continuação nota 5...

n. 18, 1956; "Arquitetura paulista", Diário de São Paulo, 30 de abril de 1959, s.p.; "Congresso de Cuba (Não é com vinagre que se apanha mosca)", Acrópole, n. 297, jul. 1963, pp.250-251.

⁶Luís Saia, apesar de seu flegme com o integralismo nos primeiros anos de sua vida estudantil, conforme a conhecida carta de Mário de Andrade (1893-1945) a Rodrigo Melo Franco de Andrade (1898-1968) de 06/04/1937 quando de sua indicação para integrar o SPHAN, foi militante do comunista, assim como boa parte de seus principais interlocutores na época, como Vilanova Artigas (1915-1985), Francisco Rebolo (1902-1980), Clóvis Graciano (1907-1988), Mário Schenberg (1914-1990), entre outros. Ou, nas palavras do próprio Saia: "[...] Quantos da minha geração foram da direita até o momento que tiveram que descobrir por nós mesmos que na direita se acotovelava a camarilha mais reacionária do Brasil? Até o momento em que tivemos que descobrir por nós mesmos que a direita representava o preconceito religioso, o preconceito da raça, a defesa do capitalismo, a defesa da burguesia? Até o momento em que pudemos descobrir com nossos próprios olhos que a direita defendia organizadamente tudo aquilo que queríamos combater da vida burguesa? Positivamente há dez anos poderia ter havido desorientação, mas hoje as máscaras caíram e não pode mais haver sombra de dúvida para aqueles que querem bem enxergar. Hoje o problema não se põe mais em termos de partido político mas termos de atitude não apenas política mas sobretudo social. [...]" (NEME, 1945, p.211)

⁷O inquérito organizado pelo escritor paulistano entre 1943 e 1944 foi publicado em 1945 com o título Plataforma da nova geração. Tratava-se da "definição de princípios, das idéias e dos pontos de vistas" de 29 representantes da nova geração de intelectuais do país, que se destacaram a partir dos anos 1940. Entre aqueles entrevistados estavam os críticos do Grupo Clima, ...continua próxima página...

de mostrar que era possível aceitar formas diferentes daquelas endossadas e propagadas pelos currículos arcaicos das escolas de belas-artes e pelos apêndices arquitetônicos das escolas de engenharia; impunha-se obrigar às classes dominantes, e mesmo ao governo, a aceitação de uma revolução plástica formal. [...] Agora é que começa a parte mais séria do problema; a fase madura, mais responsável e, portanto, a que carece de mais juízo. Derrubar um tabu é, de fato, um ato de heroísmo. Mas colocar outro no lugar do antigo, convenhamos, é infantil. O academismo modernista, fênix rejuvenescida saída das próprias cinzas, impera, levado pela onda da moda. E não só os jovens inexperientes, mas também muito arquiteto já maduro e experimentado pratica impunemente o mais desbragado academismo modernista. E há sérias resistências no sentido de impedir que entremos, em cheio, no problema atual, que é prático, técnico, profissional, social e filosófico." (SAIA, 1954, p.6)

Este seu contorno multifacetado, por sua vez, deve ser considerado numa perspectiva mais ampla, na chave de uma geração de profissionais, sobretudo aqueles nascidos entre 1900 e 1915, entre os quais é possível identificar paralelos, situar semelhanças e diversidades de atuação. Assim sendo, mapear a trajetória de Saia significa, também, situá-la em relação às de seus interlocutores, procurando pensar seus pontos de aproximação e tangência, bem como definindo aquilo que os afastam decisivamente.

Diferentemente de Lucio Costa (1902-1998) e Lina Bo Bardi (1914-1992), arquitetos cuja entrada no campo do patrimônio e da cultura popular se deu pela chave do projeto de arquitetura, Luís Saia percorreu o caminho oposto. Seu itinerário pelas outras áreas, ao contrário, partiu de sua presença indissociável no campo preservacionista, passando pelas pesquisas históricas e folclóricas, também intrinsecamente relacionadas à sua prática, até desembocar na crítica e na historiografia, no projeto de arquitetura e no planejamento urbano e regional, isto é, na maneira como pensou sua intervenção naquele presente.⁸

A entrada de Saia como assistente-técnico na 6ª Regional do SPHAN em São Paulo praticamente coincidiu com a criação do Patrimônio, em 1936. Indicado por Mário no ano seguinte, permaneceu no cargo até 1945, quando assumiu de vez a condução

dos trabalhos preservacionistas no Estado, ocupando sua diretoria até 1975, ano de seu falecimento.

Uma das primeiras contribuições de Luís Saia foi em 1939, quando da publicação do texto sobre "O alpendre nas capelas brasileiras" no terceiro número da Revista do SPHAN. Envolvido nos estudos e trabalhos de restaurações das capelas alpendradas paulistas, o arquiteto não se rendeu às explicações dadas pelo sociólogo pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987) na introdução do seu livro Casa-grande & senzala, quando associava os alpendres de nossas capelas aos copiares das residências rurais dos senhores de engenho.

Porém, foi com a publicação de suas "Notas sobre a arquitetura rural paulista do segundo século", em 1944, que o arquiteto se tornou o primeiro estudioso a se deter sobre as residências rurais paulistas da época das bandeiras. Esse trabalho pioneiro de Luís Saia, alinhado à tradição das práticas do Patrimônio ao eleger certo passado a ser preservado, inaugura uma outra: a da consideração da especificidade dessas casas.⁹

Foi a partir desta especificidade que as qualificamos como "regionais", exclusivas de São Paulo, que a restauração da "Casa do Bandeirante" realizada entre 1954 e 1955 para a comemoração do aniversário da cidade pode ser lida naquele contexto de uma reafirmação da identidade paulista, uma vez que a Comissão do IV Centenário pretendia atribuir à obra restaurada um caráter documentário e didático. Na ocasião, Saia foi incumbido de orientar a parte técnica dos trabalhos e, ao final, ele foi convidado a escrever um pequeno ensaio de apresentação da obra restaurada intitulado A casa bandeirista: uma interpretação. Todas as considerações feitas pelo arquiteto em relação à arquitetura das casas bandeiristas reafirmaram as observações estabelecidas na década anterior, porém, neste texto procurou apoiá-las numa interpretação da própria sociedade bandeirista, considerando a mestiçagem um atributo essencial para seu desenvolvimento.¹⁰ Essa relação entre as preocupações de preservação e a pesquisa histórica, porém, deve ser destacada nos trabalhos empreendidos pelo arquiteto.

É em continuidade com os seus interesses pelo passado e com sua investigação sobre as tradições construtivas coloniais, inclusive na valorização dos

...continuação nota 7...

Lourival Gomes Machado, Antonio Candido de Mello e Souza, Rui Galvão de Andrade Coelho e Paulo Emilio Sales Gomes, Mario Schenberg, Arnaldo Pedrosa D'Horta, Ernani da Silva Bruno, entre outros (NEME, 1945, 5-10).

⁸ Será interessante verificar, ainda, como esse percurso híbrido de arquiteto ou engenheiro e funcionário público de carreira teve correspondentes nas diretorias regionais do Patrimônio no país, a saber: Sylvio de Vasconcelos (1916-1979) em Belo Horizonte (MG), Alcides da Rocha Miranda no Rio de Janeiro (RJ), Ayrton Carvalho no Recife (PE), entre outros.

⁹ Luís Saia, "Notas sobre a arquitetura rural paulista do segundo século", Revista do SPHAN, n. 8, 1944, pp. 211-275. Neste texto o autor teceu uma série de considerações em relação aos "restos" encontrados, construindo uma explicação teórica, um esquema a partir das constatações feitas in loco, isto é, apresentou, empiricamente, um modelo de como teriam sido estas residências originalmente, a partir das constantes assinaladas entre os exemplares.

¹⁰ Podemos dizer que este caráter atribuído a posteriori esteve, desde o início, comprometido com suas explicações anteriores, ou seja, até que ponto a caracterização deste quadro social não procurou legitimar ou explicar sua tese original? Em que medida o autor não procurou identificar na sociedade aquilo que lhe fosse conveniente como explicação? Cf. "A casa bandeirista de Luís Saia no IV Centenário de São Paulo: restauração e preservação da identidade paulista", Anais do V Seminário Nacional do Docomomo, São Carlos, 2003.

¹¹ Luís Saia, "Um detalhe de arquitetura popular", Revista do Arquivo Municipal, v. XL, out. 1937, pp. 15-22.

¹² Um desses produtos foi o livro *Escultura popular brasileira*. São Paulo, A Gazeta, 1944, que trata dos ex-votos recolhidos durante a Missão.

ofícios artesanais nos canteiros de restauro, é que podemos pensar o folclore em sua trajetória. A crença de que a cultura popular poderia constituir uma esfera de estabilização de um tempo passado, tão cara aos intelectuais de sua geração, não escapou ao arquiteto.

Em setembro de 1937, apresentou a comunicação "Um detalhe de arquitetura popular"¹¹ na Sociedade de Etnografia e Folclore, de onde havia se tornado sócio-fundador, com boa parte dos alunos que frequentaram o curso de Dina Lévi-Strauss (1911-1999) no ano anterior. No ano seguinte foi designado por Mário para chefiar a Missão de Pesquisas Folclóricas, expedição enviada ao Nordeste e Norte do país afim de que recolhesse material para o Arquivo Folclórico da Discoteca Pública de São Paulo que o Departamento de Cultura havia criado. Além de Luís Saia, os demais integrantes da expedição foram o maestro e músico Martin Braunwieser, o fotógrafo e técnico de gravação Benedito Pacheco e o auxiliar Antônio Ladeira.

E neste caso, a pesquisa folclórica ganhou uma outra especificidade que foi o vínculo entre memória nacional e cultura popular através de uma educação musical. No universo coletado, entretanto, as referências e anotações de arquitetura popular através das cadernetas de viagem e fotografias são registros importantes para situarmos sua incursão pelo folclore, pela etnografia e pela antropologia.¹²

A partir desse contato precoce com outros campos do conhecimento é que podemos pensar alguns textos de Luís Saia de modo autônomo em relação às suas tarefas práticas.¹³ Mais do que o preservacionista, nestes escritos é o historiador Luís Saia quem fala, constituindo um modelo de pesquisa em história da habitação, do povoamento, dos monumentos, diretamente articulada à produção historiográfica paulista.¹⁴ Tanto é que integrou a Comissão de História para a "Exposição Geral do IV Centenário da Cidade de São Paulo".¹⁵

A passagem do historiador ao crítico, por sua vez, é dada pelos artigos que escreveu a partir da década de 1940 sobre arquitetura contemporânea em periódicos diários e revistas especializadas. E três deles merecem, particularmente, algumas observações: a resenha da exposição "Brazil Builds" n' *O Estado de São Paulo* em março de 1944, a entrevista "A fase

heroica da arquitetura contemporânea brasileira já foi esgotada há alguns anos", publicada pela *Folha da Manhã*, em março de 1954, e o texto "Arquitetura paulista", na edição especial d' *O Diário de São Paulo* dedicada aos "Aspectos da Civilização Paulista", em abril de 1959.

Em relação a exposição sobre arquitetura brasileira organizada pelo Museu de Arte Moderna (MoMA) no ano anterior, e que havia sido montada na Galeria Prestes Maia na sua itinerância pela capital paulista, Luís Saia lamentou que as fotografias de G. E. Kidder Smith (1913-1997) privilegiassem exclusivamente o objeto arquitetônico previamente escolhido.¹⁶ E reconhece, ainda, a importância que a arquitetura moderna brasileira assume no enfrentamento das questões contemporâneas, ainda que a presença massiva dos arquitetos do Rio de Janeiro não justificasse uma ausência tão sentida, as "experinências interessantes de arquitetura residencial" que vinham sendo feitas por Vilanova Artigas:

"O que aparece em primeiro lugar é que os arquitetos modernos brasileiros, justamente por serem modernos, adotaram uma atitude mais racional em relação aos problemas das edificações que projetam. Em vez de partirem das fachadas e nos planos convencionais, procuram resolver os problemas reais que as circunstâncias de sociedade, de clima e material impõem. Assim vemos num grande número de edifícios modernos, principalmente no Rio de Janeiro, onde os problemas de luz, vento e calor são mais sensíveis, o aparecimento do quebra-luz em várias modalidades de aplicação. [...]"

Um detalhe que deve logo chamar a atenção dos paulistas é a pobreza da nossa arquitetura moderna comparada com a do grupo carioca. A quantidade enorme de construções em São Paulo devia justificar uma percentagem maior de peças modernas aqui, o que infelizmente não se verifica. [...]" (SAIA, 1944, p.4)

Já na entrevista concedida em 1954, ano em que se realizou também o IV Congresso Brasileiro de Arquitetos em São Paulo, que Luís Saia tomou parte no debate deflagrado a partir da crítica de Max Bill sobre os excessos formais da arquitetura brasileira, notadamente a obra de Oscar Niemeyer, criticando o abuso de formas e palavras:

¹³Entre outros: Fontes primárias para o estudo das habitações, das vias de comunicação e dos aglomerados humanos de São Paulo no século XVI. São Paulo, Instituto de Administração da USP, 1948; “Notas para a teorização de São Paulo”, *Acrópole*, n. 295/6, jun. 1963, pp. 209-223; Notas sobre a evolução da morada paulista: notas relacionadas com a tectônica demográfica em São Paulo. São Paulo, Editora Acrópole, 1957; “Roteiro dos Monumentos Históricos e Artísticos de São Paulo”. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Guarujá Bertioga, n. 1, 1969, pp. 80-110.

¹⁴Particularmente nesse diálogo com os historiadores, sua interpretação do período colonial em continuidade com o feudalismo é típica de alguns cânones do período. Sobre a revisão bibliográfica de São Paulo no período colonial, ver Ilana Blaj, “Mentalidade e sociedade: revisitando a historiografia sobre São Paulo colonial”, *Revista de História*. São Paulo, 142/3; 239-59, 2000.

¹⁵Coordenado pelo historiador português Jaime Cortesão, a equipe de pesquisa e organização era formada por Mario Neme, Ernani da Silva Bruno, Hélio Damante e Agostinho Silva. E entre seus colaboradores Darcy Ribeiro, Yan de Almeida Prado, João Cruz Costa, José Wash Rodrigues e o próprio Saia.

¹⁶ “[...] É uma pena que tanto o livro publicado por aquela instituição ‘yankee’, ‘Brazil Builds’ atualmente em distribuição no Brasil, como as exposições realizadas no Rio e em São Paulo, tenham evitado nestas iniciativas de propaganda a inclusão das fotografias de tipos humanos, meios de transporte, costumes etc. É verdade que esta parte não é documentação diretamente arquitetônica e também é verdade que existe para isso desculpa que os aspectos peculiares das coisas brasileiras não interessariam tanto aos brasileiros como aos seus vizinhos. O nosso regional e pitoresco nem sempre nos é agradável, ou pelo menos às vezes pode ser desagradável. [...]” (SAIA, 1944, p.4).
...continua próxima página...

“Com efeito, as cartas do atual baralho são poucas e fáceis, eficientes e rendosas: meia dúzia de soluções formais e algumas palavras de poder mágico: “brise-soleil”, “colunas em V”, “pilotis”, “amebas”, “panos contínuos de vidro”, “moderno”, “funcional”, etc. O prestígio dessas formas e palavras e o seu abuso sonégam a consideração justa dos problemas que realmente são propostos pelo trato mais consentâneo da nossa arquitetura. Mesmo no estudo de um projeto particular, habitação, edifício público, fábrica ou que quer que seja, a eficiência profissional fica muitas vezes prejudicada pela intenção modernista e acadêmica, em detrimento da excelência do trabalho.” (SAIA, 1954, p. 6)

Além desses problemas de “eficiência profissional”, questionando também o uso indiscriminado do pano de vidro, desconsiderando os fenômenos de insolação e higiene, ele também apontou o problema da organização urbana dos grandes espaços, cidades e regiões, alertando da necessidade do planejamento urbano e regional como um de seus instrumentos de ação.

Por fim, no artigo publicado em 1959, Luís Saia se aproxima mais de uma revisão historiográfica da arquitetura moderna em São Paulo, apontando seus marcos de origem, a abrangência do campo profissional de arquitetura e da engenharia, o padrão da organização produtiva, os momentos de ruptura e suas forças propulsoras, os impasses locais e seus atores privilegiados, etc.¹⁷

Além desta atuação como crítico, Luís Saia também teve alguns de seus projetos de arquitetura estampados nas páginas das revistas *AD Arquitetura e Decoração* e *Acrópole*, em especial, duas casas construídas em São Paulo e outras duas no litoral.¹⁸ Neste caso, é curioso analisar como é que o arquiteto articulou o conhecimento das técnicas e dos materiais tradicionais, em parte trazido pela experiência no Patrimônio, com a prancheta. Esta também deve ser a entrada para o projeto do Pavilhão de Exposição para a 1ª Bienal de São Paulo (1951), realizado em parceria com Eduardo Kneese de Mello e inteiramente construído em madeira, no belvedere do Parque Trianon.¹⁹

Em relação às disciplinas do urbanismo e do planejamento urbano, a atuação de Luís Saia também se destacou pela diversidade. Escreveu artigos sobre

o “Urbanismo em São Paulo” para a revista *Acrópole* em mais de uma ocasião, redigiu trabalhos específicos no campo da legislação fundiária e do planejamento urbano e regional, ministrou curso paralelos e elaborou plano diretores para 4 cidades brasileiras São José do Rio Preto (1951), Lins (1953), Águas de Lindóia (1956) e Goiânia (1959-1963). Além das experiências dos planos diretores, o arquiteto redigiu o “Código do uso lícito da terra”, encaminhado à Assembléia Legislativa de São Paulo no ano de 1954, o “Relatório Preliminar para o Planejamento do Estado de São Paulo” em 1955 e, finalmente, o “Plano para a reforma da Secretaria de Saúde” em 1956. (FICHER, 2005, p. 339)

A formação da nova geração: viagens e estudos a partir da FAU-USP

Marcados por uma certa herança modernista e nas sendas abertas por Mário de Andrade e Luís Saia junto ao Departamento de Cultura, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e o “movimento folclorista”, muitos dos estudantes das primeiras turmas da FAU-USP seriam levados a reinterpretar os referenciais populares, coloniais e modernos da geração anterior à luz de sua formação específica em arquitetura. O momento coincide, por outro lado, com uma renovação disciplinar fundamental, a partir da qual reelaborava-se o lugar da arquitetura no campo cultural brasileiro, sua interface com o pensamento e a arte, bem como suas dimensões aplicadas no quadro técnico, social e econômico do país.

As viagens realizadas pelos estudantes da FAU-USP a partir de 1949 parecem ter cumprido um papel importante na abertura dessas novas perspectivas de formação do arquiteto em uma escola que prometia, ao mesmo tempo, ultrapassar o referencial *Beaux-Arts* dominante no país e a matriz local enraizada na Escola Politécnica de São Paulo. Esses deslocamentos resultaram um conjunto de empreendimentos específicos, quase sempre à margem das atividades curriculares e com destinos e interesses variados, cujos roteiros incluíam dos arredores da capital paulista até as cidades históricas mineiras, Rio de Janeiro, e o Nordeste, especialmente as capitais Salvador e Recife.

O papel assumido desde cedo pelo corpo discente na construção institucional foi bastante intenso e

...continuação nota 16...

Ainda mais depois de sua experiência como fotógrafo durante a Missão de Pesquisas Folclóricas em 1938, onde pode fixar seu olhar e suas impressões exatamente sobre estes aspectos.

17 Uma possibilidade de leitura deste texto é situá-lo em relação ao de Lucio Costa "Muita construção, alguma arquitetura e um milagre", escrito para edição comemorativa do Correio da Manhã de 195, no sentido de duas narrativas acerca das genealogias da arquitetura moderna no Rio de Janeiro e em São Paulo respectivamente.

18 "Cosme e Damião: residências em Itanhaém". AD Arquitetura e Decoração, n.15, jan./fev/1956; "Residência no Morumbi", Acrópole, n. 209, mar. 1956, pp. 563-564; "Residência no Alto de Pinheiros", Acrópole, n. 224, jun. 1957, pp. 280-282.

19 Ver MAM, "1a Bienal de São Paulo", Acrópole, n.157, mai. 1951, pp. 1-7.

20 Plínio Venanzi (1925) ingressou na FAU-USP em 1948 mas abandonou o curso no princípio da década de 1950. No entanto, participou ativamente do processo para a criação da escola e, juntamente com outros estudantes, foi um dos fundadores do GFAU e do CEF. Entrevista de Plínio Venanzi ao autor, realizada em 10/06/2008.

21 Gustavo Neves da Rocha Filho (1928) ingressou na FAU-USP em 1949 mas se formou apenas em 1962. Como estudante, participou desde cedo das atividades ligadas ao CEF, tendo sido seu presidente entre 1953-1956. Entrevista de Gustavo Neves da Rocha ao autor, realizada em 15/12/2008.

22 As peças foram recolhidas por Antonio Carlos Alves de Carvalho (1925-2008) e Joaquim Vicente Cordeiro Ferrão durante a viagem que fizeram a Salvador (BA), por ocasião do XII Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), e no qual foram representando o GFAU.

se deu, sobretudo, através da atuação do Grêmio da FAU (GFAU), tanto por sua participação junto ao movimento estudantil, quanto pelo engajamento e politização nas questões de interesse da coletividade, como a discussão sobre o ensino de arquitetura e a formação do arquiteto. E, neste sentido, a própria criação de um Centro de Estudos Folclóricos (CEF), em maio de 1949, para organização e realização de atividades extra-curriculares, com relativa autonomia em relação aos seus trabalhos, pesquisas e até mesmo publicações.

Apesar da uma influência inicial de folcloristas como Rossini Tavares de Lima (1915-1987) e Alceu Maynard Araújo (1913-1974), a partir do contato com o Conservatório Dramático e Musical, é incontestável a ascendência de Luís Saia sobre os estudantes já a partir do início da década de 1950. As palavras dos estudantes Plínio Venanzi e Gustavo Neves da Rocha Filho resumem bem o quadro de referências daqueles anos:

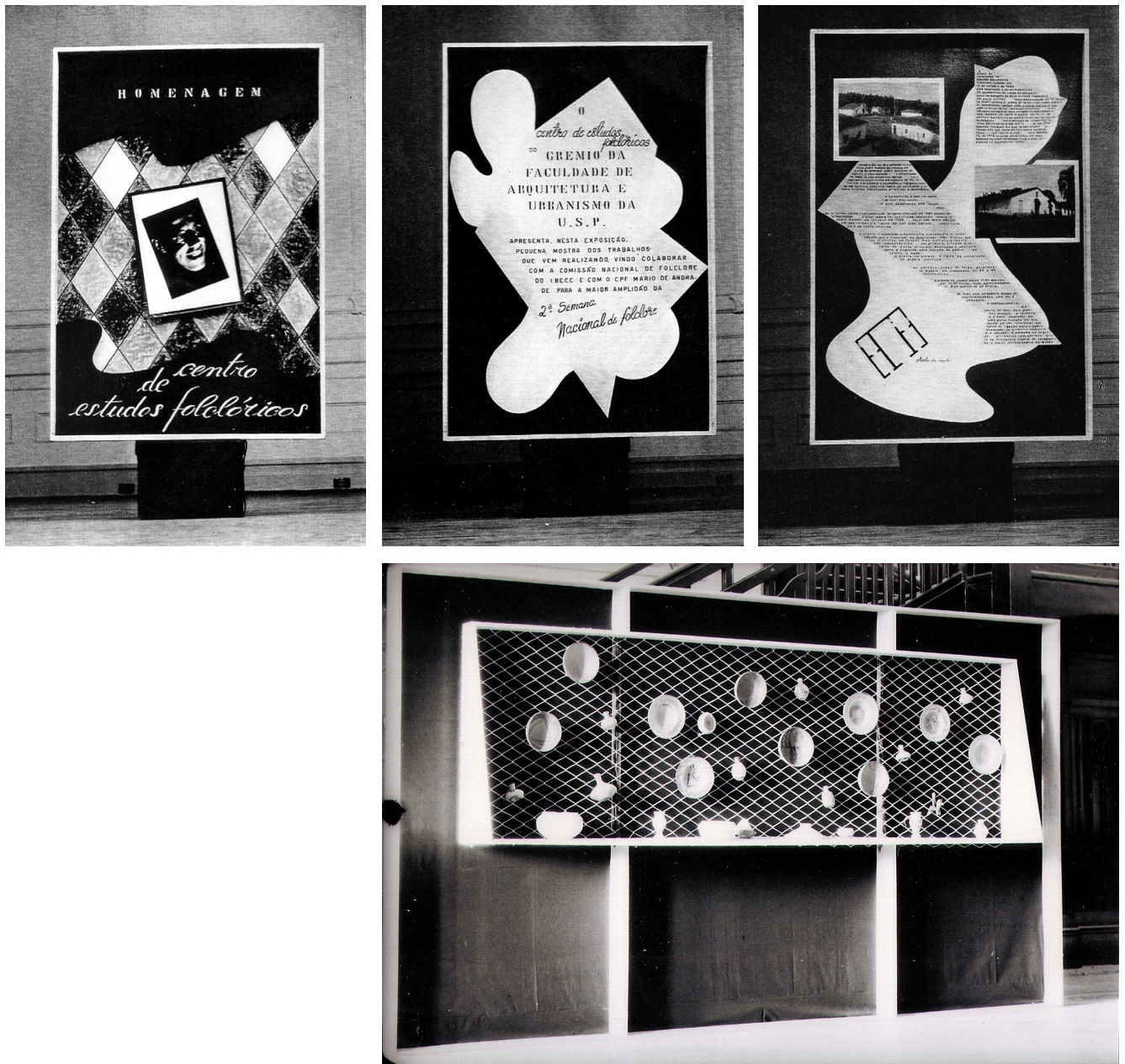
*"Nós tínhamos um bom contato com o Conservatório. Particularmente eu. Tinha um professor chamado Rossini Tavares de Lima, folclorista, ele era um dos professores do Conservatório. E nós tivemos bastante contato, quer dizer, ele estava numa área que a gente não explorava a fundo. Mas havia um denominador comum que era a busca da tradição, das origens, da brasilidade.[...] Tinha um pesquisador de folclore que filmava danças, o Alceu Maynard Araújo. Eu conheci também, conversamos bastante, era uma pessoa comunicativa mas não fazia especificamente o nosso gênero. Estávamos mais voltados para a questão da casa tradicional. Fizemos um levantamento de sobradinhos na Lapa, de vilas na Mooca e no Brás, muita influência italiana. Eram pedreiros que faziam tudo. Mas tinham uma capacidade, uma criatividade nas formas, no acabamento, então a gente ia buscar isso. A parte de música, de folclore, de etnologia para mim não teve muita coisa [...] O Luís Saia foi o homem que nos impulsionou, foi a alma da coisa. O Centro de Estudos Folclóricos nasceu aí, desse relacionamento, porque passávamos horas conversando na rua Marconi, ele tinha bons livros, ele tinha escrito muita coisa. O peso mesmo foi o SPHAN, o Saia, o fotógrafo que nos dava aulas fantásticas, o Germano Graeser. O Artigas nos instigava muito a ir lá, eles tinham uma boa biblioteca, colocavam à nossa disposição, fotografias, eram eles nos que alimentavam."*²⁰

*O que eu acabei sabendo é que por que eles foram à Carapicuíba e por que de Centro de Estudos Folclóricos? É que em Carapicuíba tem a festa de Santa Cruz, que continua ainda tradicional todo mês de maio, 1º, 2, 3 de maio, que era uma coisa extraordinariamente interessante. Porém, o pessoal da primeira turma foi para Carapicuíba e esqueceu completamente do folclore. Por isso que eu acho que o folclore não existiu, como sempre, não fizeram nada. Quem os acompanhava nessa ocasião era o Alceu Maynard, que era estudante de sociologia, que fez trabalhos sobre folclore publicados e que acompanhava a turma. Mas o que os alunos de arquitetura fizeram? Fizeram o levantamento métrico-arquitetônico das casas da aldeia. Fizeram isso, algumas fotografias que o Plínio Venanzi fez, e no fim do ano de 1949, quando se comemorou o primeiro aniversário do Grêmio, eles fizeram uma exposição."*²¹

Entre as diversas atividades realizadas pelo CEF, uma exposição assinalou publicamente a existência do órgão. Inaugurada em 21 de novembro de 1949, a mostra tomou conta do saguão principal da Vila Penteadado em comemoração ao primeiro aniversário do Grêmio e à transferência definitiva da sede da FAU a rua Maranhão, 88. Tratava-se também de uma homenagem a Mário de Andrade, na qual os estudantes apresentaram os levantamentos realizados na Aldeia de Carapicuíba, resultantes das primeiras pesquisas orientadas por Luís Saia, ao lado de peças de cerâmica de Itabaianinha (SE), recolhidas por alguns de seus integrantes na Feira de Água dos Meninos, em Salvador (BA).²²

Em linhas gerais, a exposição tomou conta das duas laterais do saguão principal da Vila Penteadado. De um lado, um conjunto de sete painéis proporcionava uma pequena mostra dos trabalhos que o CEF vinha realizando. Do lado oposto, junto à escada de acesso ao pavimento superior, um longo painel retangular apresentava um conjunto de 28 objetos de artesanato popular, tais como tigelas, gamelas e outros utensílios diversos.

O painel de abertura, dedicado a Mário, era composto por uma foto do escritor paulistano sobreposta a um padrão de losangos que remetia diretamente à capa do livro *Paulicéia desvairada*. Na prancha seguinte, uma sucinta apresentação da exposição organizada pelo CEF, na qual o texto destacava sua colaboração



Figuras 1 a 4: Exposição comemorativa do 1º aniversário do GFAU, organizada pelo Centro de Estudos Folclóricos, no saguão da Vila Penteados, 1º de novembro de 1949. Além dos painéis que apresentavam os resultados das primeiras pesquisas em Carapicuíba sob orientação de Saia, uma vitrine com peças cerâmicas coletadas em viagens pelo país fazia parte da exposição. Fonte: Arquivo Gustavo Neves da Rocha Filho.

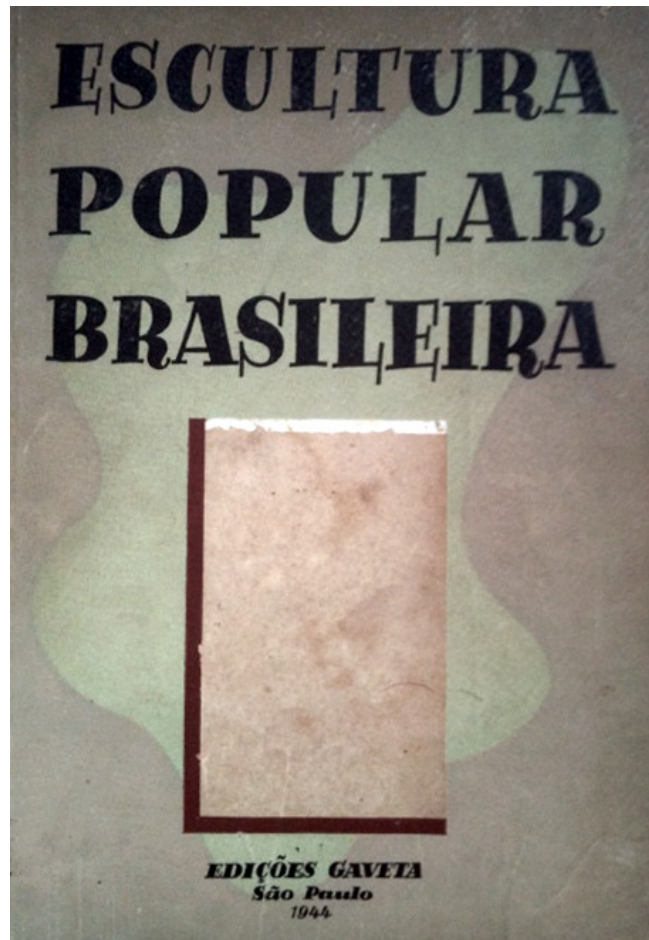


Figura 5: Capa de Clóvis Graciano para o livro de Luís Saia, *A escultura popular brasileira*, São Paulo, Edições Gaveta, 1944.

²³ A solução evocava diretamente a capa da publicação de Luís Saia sobre os ex-votos coletados no Nordeste em 1938, elaborada pelo artista Clóvis Graciano. Tratava-se de uma fundo em formato amebóide, com o título e a imagem a ele sobrepostos. Sua disposição, por outro lado, sugeria a solução expositiva aplicada por Lina Bo Bardi na Pinacoteca do Museu de Arte de São Paulo, instalado meses antes no térreo da sede dos Diários Associados, exposição que se valeu tanto do uso de painéis tubulares, como das vitrines para a exibição de objetos.

para "maior amplidão da 2ª Semana Nacional de Folclore". Os quatro painéis seguintes enfocavam aspectos da arquitetura da aldeia de Carapicuíba, a partir de levantamentos realizados *in loco* e de fotografias que documentavam detalhes e soluções construtivas proeminentes, tanto da capela quanto do casario ao seu redor. Finalmente, o último painel tinha uma nota explicativa da proveniência das peças de cerâmica popular integrantes da coleção do Centro, bem como trazia 3 delas em destaque, anunciando aquelas outras que estavam na vitrine oposta. Não podemos deixar de mencionar que a diagramação das pranchas seguiu uma composição feita com recortes de cartolina, sobre os quais os textos eram colados.²³

Outra atividade importante desenvolvida pelos estudantes reunidos em torno do CEF foram as

suas publicações. Tratavam-se de edições caseiras, geralmente com os textos datilografados à máquina, com capas de cartolina grampeadas e arrematadas com fitas adesivas coloridas. Nas apostilas publicadas entre 1950 e 1955, de maneira geral, o conteúdo se restringia, em sua maioria, a textos e artigos escritos originalmente para a *Revista do SPHAN*, que eram reproduzidos, parcial ou integralmente, com a anuência dos respectivos autores. Este foi o caso, por exemplo, do número quatro, quando foi publicada uma versão resumida do ensaio "Notas sobre a arquitetura rural paulista do segundo século" de Luís Saia, devido à extensão do ensaio original. Uma outra referência importante foi a publicação, em 1955, do "Curso de Filosofia e História da Arte" e do "Anteprojeto do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional", ambos escritos por Mário na década de 1930, e reunidos numa

24 “Em 1937, quando auxiliar de Mário de Andrade e candidato à chefia regional do então Serviço do PHAN, a fim de suprir a falha de não ser ainda arquiteto diplomado, realizei um estudo sistemático da Aldeia de Carapicuíba. Trabalho exaustivo e cheio de erros – éramos tão inocentemente ignorantes em matéria de arquitetura tradicional que nem sabíamos o que não sabíamos – de observação e de visão global.”. (SAIA, 1972, p. 20)

25 Antonio Carlos Alves de Carvalho (1925-2008), conhecido como Carvalhinho, ingressou na FAU-USP em 1948 e nunca chegou a concluir o curso. No entanto, participou ativamente do processo para a criação da ...continua próximas páginas

Figuras 6 e 7: Publicações do CEF. Fonte: Arquivo da Biblioteca da FAU-USP.

edição que contou com o colaboração de Saia e de Artigas para sua realização, conforme anunciado nos agradecimentos da mesma.

Já em relação as viagens empreendidas, os primeiros registros se referem aquelas realizadas ainda no ano de 1949, para a aldeia de Carapicuíba. Por orientação de Saia, que já havia realizado um estudo sobre a arquitetura e as técnicas construtivas tradicionais do conjunto em 1937²⁴, os estudantes Antonio Carlos Alves de Carvalho²⁵ e Plínio Venanzi passaram a se dirigir sistematicamente para lá durante os finais de semana.²⁶

O interesse pela arquitetura tradicional brasileira também fica evidente a partir de uma excursão organizada durante o feriado de 21 de abril de 1953 que visava “mostrar aos estudantes de arquitetura obras tombadas pela DPHAN”. A elaboração do roteiro ficou a cargo de Gustavo Neves da Rocha Filho, então presidente do CEF, que privilegiou alguns

monumentos dos séculos XVI e XVII por se tratarem de obras “intimamente ligadas à fundação de São Paulo”, especialmente, com a aproximação dos festejos de seu IV Centenário.²⁷ A visitação tinha seu ponto de partida na capela da aldeia de Carapicuíba e previa a parada em duas residências rurais do século XVII pertencentes ao ciclo bandeirista, ambas localizadas em Cotia (SP): de um lado, o Sítio Mandú, que ainda não havia sido restaurado e, por isso mesmo, interessava para o “estudo de sua técnica construtiva”, a taipa de pilão; do outro, o Sítio do Padre Inácio, cujas obras de restauração – alertava o documento – já haviam sido realizadas parcialmente pelo Patrimônio, sob os cuidados de Luís Saia, durante a década anterior. Finalmente, o passeio se encerrava com uma visita à igreja jesuítica de Embu, para a qual os estudantes deveriam estar atentos às qualidades artísticas do monumento, tal como destacadas por Lucio Costa no artigo “Arquitetura dos jesuítas no Brasil”, publicado na *Revista do SPHAN* em 1941.

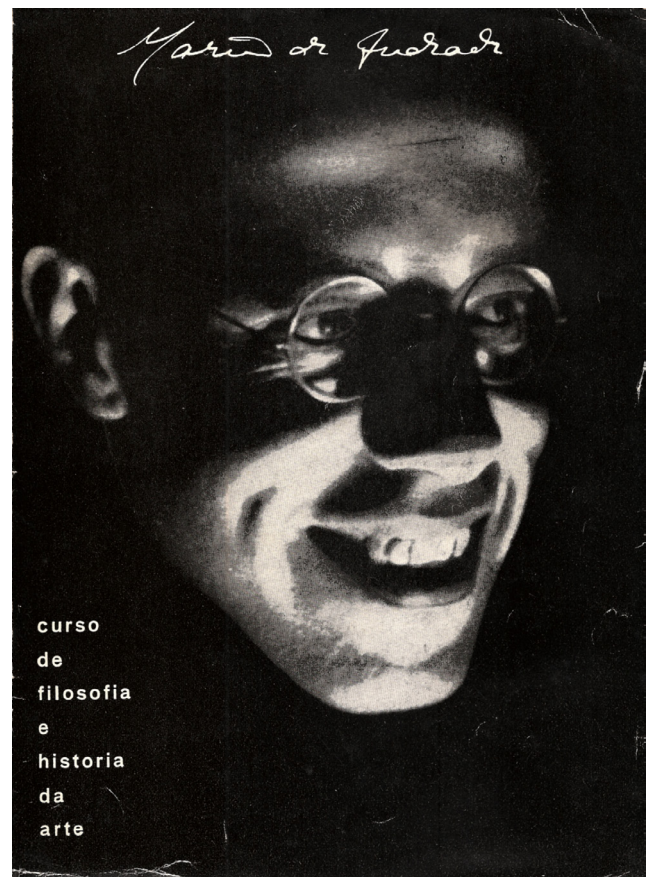
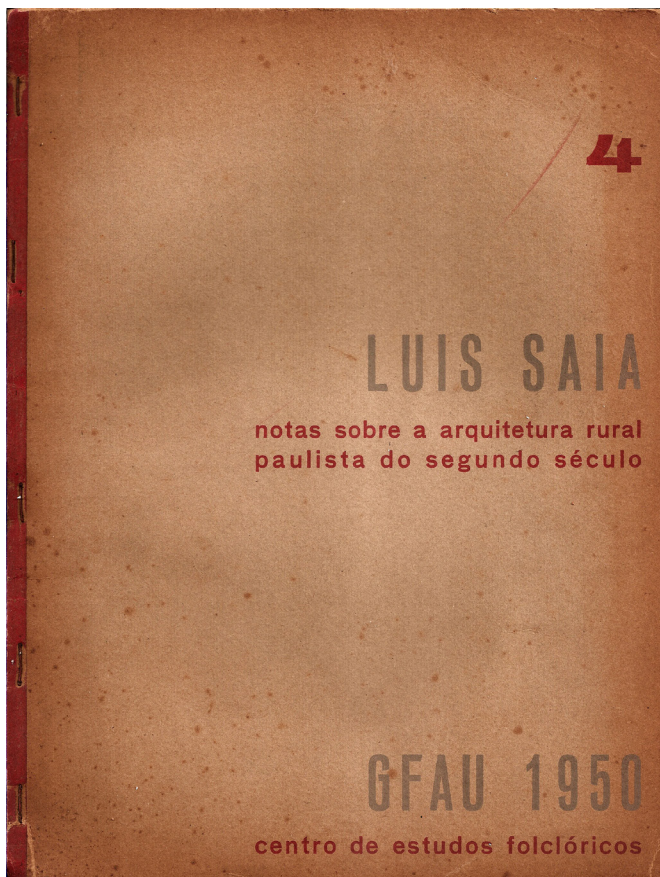




Figura 8: Estudantes das turmas de 1948 e 1949 em visita ao Sítio do Padre Inácio, em Cotia (SP), s.d. Fonte: Arquivo Domingos Theodoro Azevedo Netto.

Figura 9: Visita a Aldeia de Carapicuíba (SP), 21 de abril de 1953. Fonte: fotografia de Gustavo Neves da Rocha Filho. Arquivo Biblioteca da FAU-USP.

...continuação nota 25...

escola e, juntamente com outros estudantes, foi um dos fundadores do Grêmio da FAU (GFAU) e de seu Centro de Estudos Folclóricos (CEF).

26 “Então no sábado era o dia que em que tínhamos aula de topografia e, à tarde, pegávamos um ônibus para Carapicuíba começar a fazer o levantamento. [...] Outras pessoas foram, o Marcílio [Martins] foi algumas vezes, o Virgílio [Malacarne] foi algumas vezes, o Gustavo [Neves da Rocha Filho] foi algumas vezes também, mas os dois que malhavam em cima, era o [Antonio Carlos Alves de] Carvalho e eu. Todo domingo. Tanto que fizemos um levantamento bem circunstanciado, cada milímetro, daquelas casas, as partes interna e externa...”. Entrevista de Plínio Venanzi ao autor, realizada em 10/06/2008.

27 Documento de 3 páginas, sem título, datilografado e assinado por Gustavo Neves da Rocha Filho, presidente do CEF e responsável pela compilação e apresentação das obras escolhidas. O roteiro provavelmente deve ter sido utilizado pelos estudantes durante o passeio, servindo como um guia de visitação. Acervo pessoal de Domingos Theodoro de Azevedo Neto.

28 Carta manuscrita de Luís Saia para Rodrigo Melo Franco de Andrade, 07/01/1958. Arquivo Noronha Santos, Série: Arquivo Técnico e Administrativo IPHAN, Sub-Série: Representante, Caixa 052, Pasta 245.09 (folha 460).

Para além daquelas viagens realizadas pelos estudantes de arquitetura durante os anos 1950, e que obrigatoriamente tiveram como destino as cidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Sabará, Ouro Preto, Mariana, Salvador, Recife, é possível perceber um interesse alternativo aos roteiros tradicionais até então organizados, como atesta uma solicitação feita por Luís Saia, já no final da década:

“Meu caro Dr. Rodrigo, os portadores deste bilhete são estudantes da Faculdade de Arq. e Urbanismo e estão aproveitando as férias para viajar. Querem, desta vez, conhecer o vale do São Francisco. Num roteiro estudado em cima do joelho se imaginou que teria interesse seguir de Pirapora até abaixo de Juazeiro, por onde seguirão para a zona do Padre Cícero, no Ceará e daí para João Pessoa - Recife ou diretamente a Recife, por Itabaiana. [...] Pouca coisa pude indicar a eles porque não percorri a zona do São Francisco. Talvez aí no Patrimônio exista alguma indicação de coisa a ser pesquisada. Eles tem boa embocadura para isso. No percurso do Estado da Paraíba passarão pela Fazenda Acauã. [...] O interesse desta apresentação pode ser tanto para eles que querem indicações, como para o próprio Patrimônio que pode aproveitar a viagem para colheita de material de valor informativo Com um abraço amigo do Saia”²⁸

De fato, tais iniciativas chamaram a atenção do próprio Saia, que no artigo de 1959 para edição comemorativa do *Diário de São Paulo*, reconheceu a importância da participação dos estudantes no campo da definição profissional, bem como outras iniciativas que puseram em evidência “as contradições ainda existentes no ambiente da arquitetura paulista”, como a presença das Bienais, maior aceitação dos projetos e a realização concursos. Para ele, a contribuição dos alunos da FAU-USP pode ser assim sintetizada:

“Os problemas de atualização dos cursos de arquitetura, ainda influenciados na sua formulação e na sua estrutura pelos vícios procedentes dos primitivos cursos anexos às escolas de engenharia, foram enfrentados pelos estudantes e jovens arquitetos principalmente de dois modos. Os estudantes criaram um organismo com o fim de complementar a atividade escolar, naqueles setores considerados menos atendidos pelo tradicionalismo teimoso: o Centro de Estudos e Pesquisas de

Folclore. Inicialmente, em contato bastante íntimo com o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, promoveu este organismo pesquisas sobre o problema do ensino. No momento em que mais se fazia sentir a influência residual da engenharia na orientação do ensino, inclusive pela imposição da direção da faculdade exercida por engenheiros, estas atividades representavam o refúgio e o apoio mais eficientes. Ultrapassada a fase inicial e formulados os problemas de cultura, já agora sem os perigos da deformação nacional pela influência de arquitetos estrangeiros, já que a maturidade do ambiente superara este medo, pela afirmação vigorosa e definitiva da arquitetura moderna brasileira, este Centro recolheu-se a uma ação mais discreta e especializada, valorizando-se novamente a orientação do Grêmio oficial da faculdade (GFAU) e do organismo representativo da totalidade dos estudantes brasileiros, o Bureau.” (SAIA, 1959, s.p.)

A viagem como formação: das expedições técnicas do SPHAN a Missão de Pesquisas Folclóricas

No caso do modernismo brasileiro, é possível afirmar que as viagens tiveram uma importância fundamental na formação e transformação de muitos de seus membros, repercutindo diretamente na vida e na obra de escritores, artistas, músicos, etc. A aproximação com realidades diversas daquelas encontradas na cidade de São Paulo, a possibilidade do contato com o *outro*, o próprio questionamento de suas esferas de pertencimento, enfim, tais deslocamentos apresentam um caráter fortemente etnográfico, restabelecendo novas fronteiras entre as esferas. De acordo com Telê Ancona Lopez,

“Para o modernista Mário de Andrade, empenhado em entender a realidade brasileira dentro de um quadro latino-americano e em traçar, na medida de suas possibilidades, as coordenadas de uma cultura nacional, tomando o folclore e a cultura popular como instrumentação para seu conhecimento do povo brasileiro, foi muito importante unir pesquisa de gabinete e vivência de vanguardista metropolitano ao encontro direto com o primitivo, o rústico e o arcaico, que, em seu enfoque dialeticamente dinâmico, puderam lhe valer como indícios de autenticidade cultural.” (LOPEZ, 1976, p.15)

É certo que a experiência acumulada por Mário como “turista aprendiz” desde os anos 1920 constituiu um passo decisivo na história das viagens de formação no Brasil, não somente porque ultrapassou o registro puramente folclórico dos repertórios regionais, mas também porque a inversão dos roteiros habituais a Paris assumiu um caráter transgressivo também ao repropor também as categorias estéticas do “nivelamento” e do “desnivelamento”²⁹ como justificativa para uma reaproximação não hierárquica, e interessada do ponto de vista da criação contemporânea, entre o erudito e popular.

Ela apontava, por certo, uma perspectiva nova, seja porque invertia os itinerários acadêmicos ainda praticados nas instituições de ensino e patronato artístico distinguindo os jovens talentos por meio da concessão de bolsas, pensões e prêmios de residência na Europa, seja porque não se contentava com o interesse iconográfico e elitista dos primeiros roteiros voltados ao interior do Brasil e particularmente às suas heranças coloniais.³⁰

Não é de se estranhar que, até meados da década de 1930, os estudos de história da arquitetura coincidiam com o interesse ora pelos estilos históricos ora pela pesquisa do colonial. Uma estudo de Luís Saia apresentado na Sociedade de Etnografia e Folclore em setembro de 1937 é um exemplo dos novos rumos que a pesquisa das tradições arquitetônicas estava a tomar. Ao alertar para o desaparecimento quase sistemático da tesoura nos telhados da casa de pau-a-pique, ele já manifestava um interesse pela arquitetura popular informado pelo olhar etnográfico. Não por acaso, Saia foi designado para chefiar a Missão de Pesquisas Folclóricas em 1938.

Para entendermos as viagens técnicas de 1937 e a expedição etnográfica de 1938 enquanto um conjunto é preciso levar em conta a dupla vocação de “escritor público” de Mário naquele momento, vinculado tanto ao Departamento de Cultura de São Paulo, do qual era diretor desde sua criação em 1935 e chefe da Divisão de Expansão Cultural, quanto ao SPHAN, no qual havia colaborado com seu anteprojeto em 1936 e na condição de Assistente Técnico da 6ª Região a partir de 1937.

Uma das primeiras atribuições de Mário no SPHAN foi a de constituir uma equipe de trabalho para

auxiliá-lo no recenseamento dos monumentos paulistas a serem preservados, conforme o pedido do diretor Rodrigo Mello Franco de Andrade para que se inventariasse “tão completamente quanto possível as obras de arquitetura com interesse artístico ou histórico existentes em São Paulo”.³¹ E entre os escolhidos para compor o corpo técnico estavam além de Luís Saia, o historiador Nuto Sant’Anna (1889-1975) e o fotógrafo Germano Graeser (1898-1966).

O trabalho para o tombamento dos monumentos históricos teve início ainda em junho de 1937, a partir das primeiras excursões pelos arredores da cidade e, para tanto, Mário convidou seu amigo Paulo Duarte para acompanhá-lo durante as visitas. E suas primeiras impressões não foram nada animadoras, conforme relatou no artigo “Contra o vandalismo e o extermínio”, publicado em 11 de junho n’*O Estado de S. Paulo*: “Dia de desânimo para nós dois e para todos aqueles que amam um pouco as coisas do passado”. (DUARTE, 1938, pp.7-16)

Uma nota de improviso apresentava-se claramente nessas primeiras viagens de reconhecimento. A carta de Mário a Rodrigo, de 1 de novembro de 1937, relata a viagem de fim-de-semana a Bertioga:

“Na sexta de manhã partimos já atrasados em busca da Bertioga, o automóvel cedido gentilmente pra essas pesquisas do Paulo pela Ford demorou, o meu cedido pela Prefeitura estava na hora certa, mas partimos só depois do almoço. Em Santos, o companheiro de lá que ia conosco demorou, mas isso não era nada: a lancha que devia ficar à nossa disposição até amanhã, tinha de voltar no mesmo dia, por obrigações imprescindíveis surgidas de repente. Mas o Paulo deu o estribo e depois de várias démarches conseguimos que a lancha ficasse até domingo de tarde. Principiou chovendo. Chegamos na Bertioga quase tempestade e isso às 19 horas. (...) O transporte único do local são dois caminhões. Um estava escangalhado e o outro estava no Indaiá, 14 quilômetros, e lá pernoitaria esperando os lances de rede da manhã seguinte. As duas pensões não tinham mais quartos, com veranistas. Afinal fomos dormir numa casa de taipa dum tabaréu que nem iluminação de vela tinha, mordemos um presunto e uma pescada amarela de escabeche que levávamos, e passamos uma noite com sede, porque na Bertioga não havia água

²⁹ Foi o que Mário observou, por exemplo, acerca do cantador nordestino em sua viagem de 1928/29. Cf. Gilda de Mello e Souza. *O Tupi e o Alaúde: uma interpretação de Macunaíma*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

³⁰ Como foi o caso, aliás, das viagens de jovens arquitetos às cidades mineiras na década de 1920, todas patrocinadas por José Mariano Filho, presidente da Sociedade Brasileira de Belas Artes (Lucio Costa a Diamantina, Nestor de Figueiredo a Ouro Preto e Nereu Sampaio a São João Del Rey e Congonhas do Campo). Ou seja, marcadas por uma finalidade operativa e uma disciplina mimética convencional.

³¹ Cf. carta de 17/05/1937. (ANDRADE, 1987, p.125)

mineral, só perfumarias, guaraná e coisas que me embebedam. (...) Bêbado de raiva, embebedado de propósito por causa do tempo e dos contratempos." (ANDRADE, 1981, pp 107-108)

Mas o trabalho prosseguiu e, a despeito dos contratempos, produziu resultados. Um primeiro relatório sobre o Estado de São Paulo foi enviado em 16 de outubro de 1937 e trazia documentação histórica e fotográfica de cada um dos bens recenseados nas viagens a arredores da cidade, assim como em São Roque, Cotia, Itaquaquetuba, M'boy (Embu), Voturuna, Atibaia, Perdões, São Luís do Paraitinga, Ubatuba, Parnaíba, Santos, Itu, Porto Feliz, Sorocaba, Vila Bela, São Sebastião, Iguape, Cananéia, Vale do Paraíba, Campinas, Pirapora, Barueri, Cabreúva. E o processo da viagem de levantamento, como processo de estudo e registro, transparece na indicação de procedimentos técnicos diversos: o uso de credenciais e o contato com autoridades civis e religiosas de modo a facilitar o acesso aos bens; o recurso a relatórios de ordens e irmandades ou a documentação oficial, forense ou camerária sobre os monumentos; descrições arquitetônicas e artísticas, com a preocupação de datação das construções e reformas, comentários sobre o estado de conservação e lançamento de hipóteses interpretativas do ponto de vista histórico e estético; registro fotográfico, nas primeiras visitas realizado de modo amador, como registro prévio à seleção do material a ser documentado por fotógrafo especialista; preenchimento eventual de fichas de tombamento com fotos e planos. Um outro relatório, de 28 de novembro de 1937, tratava especialmente da pintura religiosa de Itu, em especial do Padre Jesuíno do Monte Carmelo.

Além destes relatórios solicitados ainda durante o primeiro ano de funcionamento da instituição, Rodrigo insistiu pra que Mário escrevesse um artigo para o número inaugural da Revista do SPHAN, destacando que sua participação seria imprescindível. E também recomendou para que um de seus auxiliares escrevesse algo relacionado com uma das obras a se tombar no Estado, para que São Paulo não deixasse de figurar na revista. Finalmente, em 1º de julho, Mário informa do envio dos dois artigos, um sobre "A Capela de Santo de Antonio" escrito por ele, com a colaboração de Saia e o outro sobre "A igreja dos Remédios" feito por Nuto Sant'Anna.

Foi neste artigo que Mário definiu o critério a ser adotado para o tombamento dos monumentos paulistas: os trabalhos deveriam se pautar "quase exclusivamente pelo ângulo histórico". E continuava, "em vez de se preocupar muito com beleza, há de reverenciar e defender especialmente as capelinhas toscas, as velhices dum tempo de luta e os restos de luxo esburacado que o acaso se esqueceu de destruir." (ANDRADE, 1937, p.119). Esta constatação um tanto resignada já vinha sendo feita por ele toda vez que se referia ao passado colonial de São Paulo, que desde cedo vinha explorando suas andanças pelo estado:

"Vagar assim, pelos mil caminhos de São Paulo, em busca de grandezas passadas, é trabalho de fome e de muita, muita amargura. Procura-se demais e encontra-se quase nada. Vai subindo no ser uma ambição de achar, uma esperança de descobrimentos admiráveis, quem sabe se em tal capela denunciada vai topar-se com alguma S. Francisco? [...] E encontramos ruínas, tosquidões. Vem a amargura. Uma desilusão zangada que, de novo, a gente precisa tomar cuidado para que não crie, como a fome criara, nova e oposta miragem." (ANDRADE, 1937, p.119)

Ainda que marcada por uma disciplina técnica e uma finalidade política clara, as viagens de levantamento possuíam uma dimensão errática, com roteiros um tanto incertos, destinos duvidosos, às vezes desaparecidos, arruinados ou sem grande valor, extravios, sacrifícios e muito tempo perdido. Tanto mais em uma região considerada pobre do ponto de vista dos monumentos artísticos, onde a questão sobre "o que tombar?" era permanentemente colocada.

Se no caso do SPHAN a estruturação de um quadro técnico se tornou uma prerrogativa fundamental para o início idos trabalhos, no caso do Departamento de Cultura não foi muito diferente. Para além da experiência acumulada por Mário em sua viagens etnográficas, não podemos esquecer seu interesse na formação de um quadro de pesquisadores de campo habilitados, com preparação teórica e metodológica para a pesquisa científica. E neste sentido, foram decisivas as contribuições tanto do "turista aprendiz" quanto do Curso de Etnografia e Folclore, ministrado pela etnóloga Dina Lévi-Strauss, no segundo semestre de 1936.

Em artigo publicado na imprensa em outubro de 1936, o diretor Mário de Andrade salienta a importância do órgão no estabelecimento de um patamar de conhecimento científico da realidade cultural do país, o que implicava claramente no incentivo a um trabalho de pesquisa empírica acerca da cultura e da vida populares:

“Faz-se necessário e cada vez mais que conheçamos o Brasil. Que sobretudo conheçamos a gente do Brasil. E então, se recorremos aos livros dos que colheram as tradições orais, e os costumes da nossa gente, desespera a falta de valor científico dessas colheitas. [...] A Etnografia brasileira vai mal. Faz-se necessário que ela tenha imediatamente uma orientação prática baseada em normas severamente científicas. Nos precisamos de moços pesquisadores, que vão à casa do povo recolher com seriedade e de maneira completa o que esse povo guarda e rapidamente esquece, desnortando pelo progresso invasor.” (CARLINI, 1994, p.24)

Neste sentido, não é de se estranhar que entre aqueles que freqüentaram as 21 aulas do curso de Dina Lévi-Strauss estivessem alguns dos futuros responsáveis pelo êxito da Missão, especialmente Oneyda Alvarenga e Luís Saia. E na esteira da conclusão do curso e por sugestão de Mário de Andrade foi criada, em 4 de novembro de 1936, a Sociedade de Etnografia e Folclore.³²

Uma referência sobre o interesse de Luís Saia pelo tema foi a comunicação, acima mencionada, feita na reunião de 22 de setembro de 1937 na Sociedade de Etnografia e Folclore e publicada na *Revista do Arquivo Municipal* com o sugestivo título de “Um detalhe de arquitetura popular”, em outubro do mesmo ano. Naquela ocasião, ele chamou a atenção para o desaparecimento quase sistemático do uso da tesoura na habitação popular brasileira, sobretudo na casa de pau-a-pique, tendo recolhido inclusive os termos populares que se referiam à estrutura do telhado e seus detalhes. Ao apresentar o problema, ele tinha como pressuposto as pesquisas que vinha realizando no âmbito do recenseamento dos bens paulistas passíveis de tombamento pelo SPHAN. No entanto, fica evidente também a importância do curso ministrado por Dina Lévi-Strauss durante o segundo semestre de 1936, sobretudo das aulas específicas acerca do estudo de arquitetura no

âmbito das pesquisas de campo. Com essa bagagem e treinamento é que Saia seria convidado a dirigir a Missão de Pesquisas Folclóricas em 1938.

Idealizada por Mário de Andrade no último ano de sua gestão no Departamento de Cultura de São Paulo, a expedição liderada por Saia era composta de outros três integrantes (Martin Braunwiser, Benedicto Pacheco e Antônio Ladeira) e deveria gravar, filmar, fotografar e descrever o maior número possível de manifestações populares nas cidades que percorresse. Uma vez recolhidos, esses registros deveriam ser organizados e sistematizados por Oneyda Alvarenga, diretora da Discoteca Pública Municipal. O que acabou de fato acontecendo, sobretudo aquele material diretamente comprometido com o objetivo principal da Missão.³³

A participação de Luís Saia no contexto da Missão de Pesquisas Folclóricas parece ter sido decisiva por revelar um ponto de cruzamento privilegiado da arquitetura com a história e com a etnografia. Com efeito, a presença de Luís Saia à frente da viagem parece ter sido decisiva para o desenvolvimento de uma sensibilidade para com a arquitetura rústica no país e seu reconhecimento como parte de um mundo de heranças compartilhadas no enfrentamento das mais diversas circunstâncias naturais, sociais e econômicas de estabelecimento.

Neste sentido, não foi estranho que, para além do conjunto de materiais e registros recolhidos de acordo com os objetivos principais da Missão, encontramos também referência acerca dos modos de vida das comunidades visitadas, de núcleos urbanos, de habitações populares, de arquitetura religiosa. Esta documentação pode ser verificada tanto a partir das anotações e desenhos registradas nas cadernetas de campo, quanto nas fotografias. A seu respeito, o próprio Saia alguns anos depois testemunhou:

“O que pudesse recolher de arte e técnicas populares, além do nosso objetivo específico, ficava portanto inteiramente por conta das circunstâncias. [...] Pessoalmente me interessava estudar, nos momentos de folga, tudo quanto fosse coisa popular de valor artístico ou documentário, especialmente arquitetura. Desde logo me larguei à prática aventureira de espiar, anotar e fotografar casas velhas, capelas, arquitetura popular.” (SAIA, 1944, p.9)

³² Uma de suas primeiras atribuições era a de constituir um quadro de pesquisadores de campo com orientação metodológica e científica para o estudo de temas relacionados ao folclore e a cultura popular. Com a aprovação de seu estatuto em 2 de abril do ano seguinte, foi eleita a primeira diretoria, constituída da seguinte maneira: Mário de Andrade (Presidente), Dina Lévi-Strauss (1ª Secretária), Lavínia da Costa Vilela (2ª Secretária) e Mário Wagner da Cunha (Tesoureiro). E dos 64 sócios fundadores, podemos encontrar intelectuais ligados à Universidade de São Paulo, ao Departamento de Cultura e ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Claude Lévi-Strauss, Fábio Prado, Paulo Duarte, Camargo Guarnieri, Oneyda Alvarenga, Plínio Ayrosa, Rubens Borba de Moraes, Sergio Milliet, Ernani da Silva Bruno, José Bento Faria Ferraz, Luís Saia entre outros.

³³ Entre fevereiro e julho de 1938 a Missão percorreu 28 cidades de 6 estados brasileiros e, aumentos musicais; 1126 fotos, 19 filmes (9,5, 16 e 35 mm), 13558 páginas de documentos textuais (entre cadernetas de campo, fichas e recortes de jornal). Todo este material encontra-se hoje incorporado ao acervo do Centro Cultural São Paulo.



Figura 10: Os membros Martin Braunwieser, Luís Saia, Benedito Pacheco, e Antonio Ladeira no Teatro Santa Isabel, Recife, março de 1938. Fonte: Arquivo Centro Cultural São Paulo (CCSP).



Figura 11 (topo): Os integrantes Antonio Ladeira e Luís Saia a caminho de Brejo dos Padre, Missão de Pesquisas Folclóricas, março de 1938. Fonte: Arquivo Centro Cultural São Paulo (CCSP).

Figura 12 (centro): Capela onde foram recolhidos milagres em Tacaratu, (PE), Missão de Pesquisas Folclóricas, março de 1938. Fonte: Arquivo Centro Cultural São Paulo (CCSP).

Figura 13: Construção de uma casa em Areia (PB). Missão de Pesquisas Folclóricas, maio de 1938. Fonte: Arquivo Centro Cultural São Paulo (CCSP).



Se a documentação sobre arquitetura até então vinha sendo produzida de maneira irregular, ela se intensifica durante esta segunda viagem pela Paraíba. Em Areia, por exemplo, mais uma vez Luís Saia procurou se informar acerca de soluções captação de água na cobertura de algumas habitações:

Segundo Carlini, foi nesse momento que a descrição do cotidiano da Missão de Pesquisas Folclóricas passou a ser mais detalhada pelo chefe da equipe em suas cadernetas de campo, substituindo os pequenos lembretes e anotações corridas por uma escrita mais narrativa e pessoal (CARLINI, 1994,p.298). No entanto, com a notícia do afastamento de Mário de Andrade da diretoria do Departamento de Cultura no dia 11 de maio e temendo uma ordem de retorno imediato, a Missão decidiu prosseguir com a viagem, deixando João Pessoa no dia 29 de junho com destino a Teresina (PI), de onde seguiram

por terra até São Luís (MA) e Belém (PA), onde encerraram suas atividades. Antes da partida da capital paraibana, Luís Saia concedeu uma entrevista para o jornal *A Imprensa* publicada no dia 1º de junho, na qual resumia as atividades realizadas no estado, destacando a diversidade de manifestações populares naquele estado:

“Me sinto incapaz de dar uma impressão do conjunto da Paraíba. Pelo menos por enquanto. Me defendo justificando essa incapacidade. Quem, vindo lá do sul, viajar o sertão, o brejo, a caatinga, o curumataú, o litoral e mais um mundo de pequenas zonas perfeitamente diferenciadas, tudo em pouco mais de um mês, e encontrando em cada lugar uma quantidade enorme de sugestões novas e interessantes, tem que ficar como fiquei, em estado de choque. No mínimo. Digo em estado de choque por reserva. A vontade e talvez a verdade fosse

Figura 14: Caminhão com a equipe sobre uma balsa para travessia do rio Piranhas, entre Pombal e Sousa (PB). Missão de Pesquisas Folclóricas, abril/maio 1938. Fonte: Arquivo Centro Cultural São Paulo (CCSP).





Figura 15: Paisagem não identificada. Missão de Pesquisas Folclóricas, mar./jun. 1938. Fonte: Arquivo Centro Cultural São Paulo (CCSP).

34 “A contribuição da Paraíba ao folc-lor nacional – Falamos o Dr. Luís Saia depois de visitar todo o noss Estado”, A Imprensa, João Pessoa, 1o de junho de 1938 apud Idem, ibidem, p.327.

35 “Idem, ibidem, p.328.

*dizer em estado de transe. Porque não acredito que exista um temperamento de curiosidades que se mantenha frio diante das descobertas, das revelações inesperadas, de mil detalhes que a sensibilidade em tensão forçada vai coordenando, juntando, separando, concluindo. Acho que me defendi bem.”*³⁴

Num trecho seguinte, também carregado de encantamento, é possível entrever o peso que tanto a arquitetura quanto o folclore e a etnografia tiveram em sua formação, complementares à própria matriz politécnica. Neste sentido, podemos dizer que foi esta viagem ao Nordeste, realizada durante o primeiro semestre de 1938, que possibilitou o cruzamento das experiências acumuladas junto aos trabalhos de realizados no SPHAN com os estudos e pesquisas produzidos no âmbito da Sociedade de Etnografia e Folclore:

“A primeira viagem que fizemos pelo interior da Paraíba objetivou o sertão e foi de 25 dias. A segunda, depois de uma semana de fôlego em João Pessoa, foi de 12 dias pelo brejo e litoral. Nesses trinta e sete dias de viagem parávamos um, dois ou três dias em algumas cidades. Noutros lugares paramos momentos, meia hora, o tempo de tomar

*um café, de espiar uma capela interessante, de perguntar informes guiadores do nosso trabalho, de fotar uma casa popular, de pesquisar um detalhe curioso de uma latada ou de uma casa de farinha, raramente estacionando o suficiente para colher uma história ou lenda popular. Porém, em todos os lugares de latada ou de uma casa de farinha era infaltável um detalhe permanente. É que a gente lamentava não poder ficar muito tempo neles, mais dias, semanas talvez e quem sabe até mesmo morar ali, que se entrevia variadas sugestões de estudo a fazer, através de conversas rápidas, de informações lacônicas e prometedoras. Nessas condições, a necessidade de estar vendo tudo em pouco tempo cansava mais do que o maior catabi [...] Foi assim no sertão e precisou ser assim no brejo e litoral. É verdade que aonde a gente chegava logo ia entrando em contato com o que havia de íntimo e expressivo do lugar. Mas o sentimento de pouquidão de tempo esteve sempre em nossa presença. [...]”*³⁵

Uma nova experiência de viagem, portanto, se afirmava na linhagem estabelecida entre Mário de Andrade, Luís Saia e as primeiras gerações de estudantes formados pela FAU-USP, entrelaçando arquitetura, história e antropologia.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Mário de. "A capela de Santo Antonio", Revista do SPHAN, n. 1, 1937, pp.119-125.
- _____. Mário de Andrade. Cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936-1946). Rio de Janeiro, MEC/SPHAN/Pró-Memória, 1981.
- _____. O turista aprendiz. São Paulo, Duas Cidades, 1976.
- ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Rodrigo e o SPHAN: coletânea de textos sobre o patrimônio cultural. Rio de Janeiro: MinC/Pró-Memória, 1987.
- CARLINI, Álvaro. Cante lá que gravam cá: Mario de Andrade e a Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938. São Paulo, FFLCH-USP, 1994 (dissertação de mestrado).
- DUARTE, Paulo. Contra o vandalismo e o extermínio. São Paulo, Departamento de Cultura, 1938.
- FICHER, Sylvia. Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo. São Paulo, Edusp, 2005.
- LOPEZ, Telê Ancona. "Viagens etnográficas' de Mário de Andrade" in Andrade, Mário. O turista aprendiz. São Paulo, Duas Cidades, 1976.
- NEME, Mário, Plataforma da nova geração: Porto Alegre: Globo, 1945.
- RUBINO, Silvana. As fachadas da história: os antecedentes, a criação e os trabalhos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1937-1968. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1992 (dissertação de mestrado).
- SAIA, Luís. A casa bandeirista (Uma interpretação). São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1955.
- _____. "A fase heróica da arquitetura contemporânea brasileira já foi esgotada há alguns anos". Folha da Manhã, 31 de março de 1954, p.6.
- _____. "Arquitetura paulista". Diário de São Paulo, 30 de abril de 1959, s.p.
- _____. "Brazil Builds", O Estado de S. Paulo, 17 de março de 1944, p.4.
- _____. Escultura popular brasileira. São Paulo: A gazeta, 1944.
- _____. Morada paulista. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- _____. "Um detalhe de arquitetura popular", Revista do Arquivo Municipal, v. XL, out. 1937, pp. 15-22.
- SODRÉ, João Clark de A. A casa bandeirista de Luís Saia: antecedentes, apropriações e intérpretes (1916-1972). Relatório Final de Iniciação Científica entregue à FAPESP, 2001-2003.
- _____. "A casa bandeirista de Luís Saia no IV Centenário de São Paulo: restauração e preservação da identidade paulista". Anais do V Seminário Nacional do DCOMOMO, São Carlos, 2003.
- _____. Arquitetura e viagens de formação pelo Brasil (1938-1962). São Paulo: FAU-USP, 2010 (dissertação de mestrado).